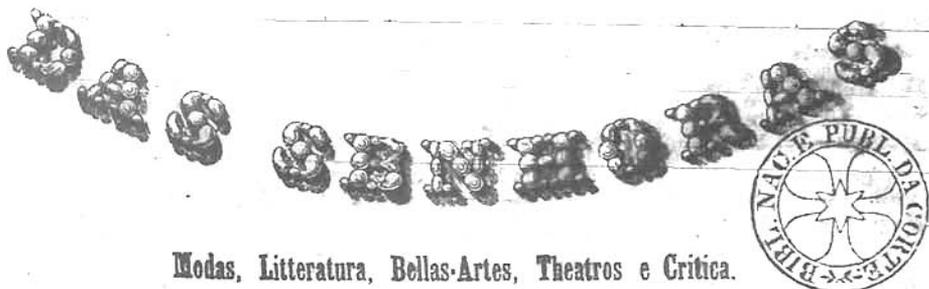


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programá e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

É este o primeiro domingo do segundo trimestre da existencia do *Jornal das Senhoras*. Estamos pois no quarto mez dos nossos trabalhos, conscias de havermos convidado todas as nossas forças e todos os nossos cuidados, para desempenharmos com toda a pontualidade possível o que vos haviamos prometido; graças a Deus, não faltámos, nem faltaremos. As difficuldades, que encontrámos no desempenho dos nossos deveres para convosco, e com as quaes ainda lutamos, forão muitas; não nos consentirão marchar segundo a nossa vontade e as nossas intenções, mas a todo o custo porém hemos superado pouco a pouco essas difficuldades, e agora contamos proseguir mais tranquillias, podendo satisfazer a vossa expectativa e realisar os nossos projectos.

Não afrouxaremos na carreira encetada em quanto o *Jornal das Senhoras* estiver á sombra da vossa cooperação, em quanto os amigos da litteratura continuarem a sustentá-lo com o brio e generosidade, que lhes é proprio, e que tão vantajosas mostras nos derão de sua protecção, para o começo desta empresa.

Permitti que vos revele uma verdade, queridas senhoras, que em tempo vos provaremos; nós não trabalhamos nesta empresa á mira

do lucro e no ensejo da especulação; seria ludibriar o sexe feminino.

Mulher, como somos, não nos podemos curvar á ideia de vender as nossas opiniões e a dos outros pelo interesse do ouro: não fazemos mais do que imitar o nosso sexo, e á elle pois recorremos.

A proporção que for augmentando o numero das nossas assignantes, continuadas melhoras iremos dando ao nosso jornal, mesmo neste trimestre, ate o levarmos á perfeição que lhe desejamos. Para o mez de Julho principiaremos a dar tres figurinos por mez, uma pessa de musica, e moldes e riscos de bordados; é de esperar tambem que para esse tempo elle passe de oito paginas a ter doze cada numero; trabalharemos enfim com todos os nossos esforços, para que em breve o *Jornal das Senhoras* atinja o gráo de perfeição que lhe compete junto das suas assignantes que o sustentão.

É este o nosso voto firme e verdadeiro.

Joanna Paulo Manso de Noronha,

Redactora em chefe.

MODAS

Ora estamos no mez de Abril finalmente, e escappos do seu dia 1.º, esse dia proverbial de tantas lograções, tristes e alegres, que a uns devem ter causado mortificantes raivas; a outros, prazeres e rizos; e a muitos — amargores, lágrimas e desgostos... assim vae o mundo! chorando e cantando, correndo que é um regalo em favor dos venturosos, e emperrado e ferrenho para os desafortunados; dando vida e morte ao mesmo tempo ao vicio e á virtude, exaltando aquele, rebaixando esta, os moços tornando-se velhos, e os velhos namorados... enfim é o mundo, minhas que idas leitoras, é mesmo assim que elle está organizado, e é mesmo assim que elle ha de ser toda a sua vida. Não seja eu, estouvada e leviana, quem me lembre agora de moralisar o mundo e de metter-me em escaninhos onde posso apertar nelles os meus ricos dedos, que tanto cuidado tenho de os não molestar nesta quadra, em que (está me parecendo) rasgo o capote de certo charlatanismo, que vos está logrando com a maior frescura, mesmo de quem nenhum caso faz, ou encara, o sexo feminino, como dizia a respeito da mulher certo poeta, que pelo nome não perca, e que foi sempre repellido pelas moças que lhe conhecião as suas baixas inclinações.

« *Inferno necessario, um mal preciso!* »

Vá de passagem o dito; mas o que é verdade, é que se puxarem muito pela a afinação, arrebentão-se as cordas da harmonia, e executarei umas variações desafinadas, que afinarão os ouvidos dos bons entendedores, para quem poucas palavras basta.

Mas sim, queridas leitoras, estamos no mez de Abril, essa estação em que o bom-tom acorda para reaparecer risonho e brilhante como sempre; o mez da estreia dos bailes de primeira ordem, dos soirées e das pa. tidas, que tão vivazes, sumptuosas e fulgurantes foram, o anno passado. O primeiro que se nos apresenta é por certo o aristocratico e ostentoso Cassino; quantos olhares já não se terão voltado cheios de saudades, pa a esse recinto inebriante, do luxo, da elegancia e da belleza... quantos palpitanes corações não terão a esta hora já promettido uma ou duas contradanças — para o baile do Cassino... Ora confessem, sim? nem uma de vós está engajada para a primeira contradança, a segunda valsa, a primeira schotisch? Pois em todo o caso se me não quizerem dizer, confesso-lhes eu que hontem despedi-me da viscondessa de... pelas seguintes palavras: *Então como vae para fóra, adeus até o baile do Cassino? É assim; se antes eu não voltar, então até lá impreterivelmente; respondeu-me ella já na porta da rua, e foi-se.*

É pois para este baile tentador que eu vos offerço o presente figurino, que nos chegou de Paris expressamente para este fim. Elle foi copiado com todo o esmero do proprio original que mais distincto se tornou nos salões parisienses; e assim como este, outros vos irei apresentando di-

gnos de toda a vossa attenção, e que effectivamente auxiliarão o vosso bom gosto na preferencia e escolha dos *toilettes*.

É por certo uma vantagem, minhas queridas leitoras, poder apresentar-vos verdadeiros e modernos figurinos, que só pertencem á classe d'aquelle, que forão escolhidos e são preferidos pelo mundo elegante de Paris. Custa caro este capricho, é bem verdade, pois que com as mesmas de pezas que se empregão para obter um destes figurinos, poderia eu offercer-vos quatro ou seis todos os mezes, dos que já se encontrão até grudados ás caixas de rendas ou de chapeos nas lojas de modas da rua do Ouvidor, e a final também são figurinos; mas a redactora em chefe não está pelos autos; quer antes dar-vos pouco, e bem servir-vos.

Ora, notai bem, a fazenda especial e a côr desse vestido que representa a estampa, não o achais tão lindo? É a finissima e transparente *Balsorine*. Reparaí nos enfeites; que distincção! Esses cinco folhos, alargando progressivamente de cima para baixo, que circundão a saia com uma guarnição bordada de rosas escarlates, cuja viva côr acompanha as da mesma guarnição da berthe e das mangas, que brilhante effeito que produz sobre o fundo verde-claro. Aquella delicada camisinha, que guarda a abertura da berthe na elegante fórma que descreve, como está bem empregada. Reparaí nas mangas curtas; ellas são totalmente largas, e depois um pouco fechadas por pregas soltas formadas em cima, na cava; as submangas são justas, deixando apenas apparecer duas ordeus de estreitos folhos, que dão ao braço uma graça toda faiceira e caprichosa.

O penteado é aquelle que entre todos mais primou nos salões parisienses neste ultimo inverno; peço-vos, queridas leitoras, que noteis a simplicidade deste penteado a par da sua elegancia. Por certo elle sobressahirá perfeitamente bem no gentil semblante das nossas assignantes e lhes dará alguma novidade sobre este ponto de modas, que ha tanto tempo se tem conservado com tão pequenas mudanças.

Os bandós encrespados e presos pela trança que os circula, sem mais outro enfeite que o mesmo cabello, penteado em caracol, é fora de duvida de muito gosto, sem comtudo darmos baixa no penteado de flores e folhagem, que sempre ha de ser elegante, todas as vezes que a elle presdir a arte e a delicadeza.

Catete, 3 de abril.

AMOR E A ORTOGRAPHIA.

EPISODIO DOMESTICO, REFERIDO POR UMA JOVEN ITAGUAHIENSE.

1827.

Sensível ao convite que nos foi feito pela redacção do *Jornal das Senhoras*, pertencendo

sexo de que elle é orgão, concorrerei com o meu contingente para provar o quanto a educação da mulher é útil nos mais pequenos discursos da vida. Sei que os nossos escriptos não merecerão das minhas patricias as mesmas attentões, que os publicados neste interessante Journal, porém como tenho a certeza de que nos mais lindos quadros, onde fulgurão as mais radiantes côres, a escura é preciso, será este meu artigo a sombra, para fazer realçar tantas outras produções das minhas bellas patricias. Espero ao menos que meu laconismo me alliciará alguma complacencia.

Não longe da villa de Itaguahy, em 1827, vivia uma familia abastada, entre a qual, Rosinha unica filha, fazia as delicias de seus pais e irmãos, sem nenhuma educação litteraria, sem mesmo ter os conhecimentos elementares que lhe fossem sufficientes; Rosinha no mais, além de formosa, docil, e boa filha, era o que no paiz se podia chamar um bom partido.

Seu tio, que tinha sido outr'ora vigario commendado em Guaratinguetá, julgou dever aperfeiçoar sua sobrinha, e pois lhe ensinou com algum trabalho a ler soletrado e escrever ainda que mal; isto é, deu á sua sobrinha as noções de escripta que elle mesmo possuia; e quanto á leitura, o bom homem não era sublime, a não ser no seu latim, o que dizia elle não convinha ser aprendido pelo nosso sexo.

Aconteceu que um joven de excellente familia fosse passar alguns momentos junto á familia de Rosinha, a cujo pai tinha sido recommendado o moço da cidade; repetir as visitas, ser assiduo, e até ser començado da casa e nella recebido como filho, foi obra de poucos dias; e nem é meu proposito narrar essas circumstancias; o caso é que Julio, moço bem educado, joven e livre, viu em Rosinha aquella a quem seu pai bem podia designar-lhe para esposa.

Não posso referir bem as suas primeiras confissões, nem relatar minuciosamente todas as phases deste amor casto e novo; sei sómente que Rosinha confessou a Julio que lhe seria agradavel dar-lhe seu coração e sua mão, uma vez que obtivesse o consentimento de seus pais, o que com effeito foi obtido.

Tratado o casamento entre as familias, Julio e Rosinha erão por todos considerados já como desposados, e só se esperava que Julio fizesse seu ultimo exame para celebrar-se o consorcio.

Assim se deslisava a existencia de tão feliz par; Julio teve de voltar para a cidade, acabada estavam as ferias, e nas mais ternas despedidas Rosinha lhe disse:

Julio eu te amo muito; não prefiras na ausencia outra mulher.

Julio jurou que sim, protestou ser fiel, e saudoso se separou.

Chegado á cidade, Julio julgou dever escrever o que tinha jurado, e como todos os que amão, em linda e perfumada carta, tarjada dos mais fantasticos arabescos, com toda a nitidez escreveu á sua bella deidade.

Partiu a carta, e o pagem confiante a entregou á propria Rosinha, que palpitante de prazer e orgulho até se escondeu para ir ler o papelão.

Oh! dôr! oh! decepção! quanto soffreu aquelle terno e innocente coração ao repetir, ainda que soletrado, as cruéis expressões nessa carta contidas!!! *Preferir na tua ausencia outra mulher, nunca ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo.* — Julio.

Rosinha não pôde resistir a tão cruel tormento; a ferocidade com que aquelle que ella amava lhe cravava a sangue frio o punhal da perfidia em seu coração, lhe tirou toda a razão, correu á sua mãe e mostrou-lhe a carta; a boa Sra. Eufrasia não sabia ler, seus irmãos cuidavão mais na lavoura do que em instruir-se, e sabião tanto como sua boa mãe; seu velho pai, antigo Açoriano, sempre pensou que para ajuntar dinheiro não se precisavá recorrer á escola; restava o bom tio, que por infelicidade tinha ido á Lorena!

A Sra. Eufrasia pois fez sua propria filha ler o terrivel papel — *Preferir na tua ausencia outra mulher, nunca ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo* — Julio... Tres vezes se benzeu a boa Eufrasia e mal disse o libertino que, mesmo antes de casar, fazia semelhante programma.

Escusado é contar que d'ahi a oito dias Rosinha por timbre de seus pais estava casada com um rustico seu vizinho, e todas as relações de familia cortadas com as de Julio.

O pai deste vendão intempetivo rompimento, e vendo que seu filho muito soffria com isto, desejou saber a fundo o motivo de tal proceder. Foi a Itaguahy, e ali então lhe foi mostrada a carta fatal que justificava o rompimento das promessas do casamento e de toda a amizade.

Essa carta fatal, na qual Julio só tinha escripto o que repetimos, tinha a final a seguinte orthographia: *Preferir na tua ausencia outra mulher? Nunca. Ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo.*

Julio isto escrevendo quiz socegar o espirito da sua noiva, que parecia abalado pela recommendação que lhe fizera na despedida, e por julgar que ella sabia orthographia concorreu com tal carta para casal-a com um rustico pobretão da vizinhança, que foi o unico que ganhou com a ignorancia da infeliz Rosinha, da qual nunca pôde fazer a felicidade, desde que ella reconheceu-se a propria culpada, e que em toda a familia cessou o despeito á vista da explicação que fez da carta o bom e honrado tio padre Antonio.

Tal é leitoras, um dos inconvenientes da ignorancia no nosso sexo!

Adelaide.

ASYLO DE SANTA THEREZA.

A augusta bondade de SS. MM. II. acaba de patentear-se ainda por mais um acto de bondade.

de dos seus corações: é debaixo do patrocínio da Santa do nome de S. M. a Imperatriz que a orphandade desvalida, encontrará mais um tecto onde agasalhar-se da miseria e do vicio.

Nada podemos dizer que seja sufficiente a exprimir os pensamentos que faz nascer este acto, tão philantropico, como espontaneo.

Fazemos votos para que os regulamentos do Asylo de Santa Thereza, em harmonia com as necessidades da época, torne esta instituição tão vantajosa nos seus resultados, como o desejo os amigos da humanidade; e como merece que o seja para honra eterna dos seus Augustos Fundadores.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

CASA DE REFUGIO PARA OS MEÑINOS E MENINAS POBRES NO ESTADO DA PENNSYLVANIA.

Hontem á tarde visitei a casa de Refugio dos Orphãos.

Depois de verificarem o nosso bilhete de introdução, fomos introduzidos em um vasto pateo quadrado; no fundo estváo as officinas da casa, de um lado as habitações do administrador, cozinha, salas de refeitorio, e o resto eráo os dormitorios.

Em frente ás officinas havia um logar destinado a exercicios gymnasticos: o pateo todo plantado de flores odoríferas, tiuha no centro multidão de brancas *colmenas*; o todo da casa respirava aceso, alegria e a actividade do trabalho.

Principiamos visitando os dormitorios; o systema cellular é adoptado neste estabelecimento, como em todos os outros que tem por objecto subordinar o espirito rebelado, educar o coração, ou morigerar pela penitencia os vicios que a má educação, o habito ou a miseria, fizeráo nascer.

Cada quartinho tem uma cama, uma mesazinha, nada mais; pequena janella em altura elevada e cruzada de barrotes de ferro, dá-lhe luz ou ar conforme a estação; uma porta maciça fecha o recluso. Quanto ao systema de aquecer as cellulas é por tubos de chumbo onde circula agua fervendo, os quaes dão o sufficiente gráo de calor na estação das neves.

O mais rigoroso aceso reina em toda a casa, os quartinhos bem caiados são pequeninos, mas não são tristes; contudo, a solidade destas pobres crianças, una vez ali fechados, privados dos afagos de uma mãe, habituando-se desde tão tenra idade á concentrar-se em si mesmos, fez-me mal!

Passamos ás cozinhas — ellas são largas, espaçosas, summamente limpas como é o costume deste paiz. Cozinhas a vapor... tudo fende a economia dos braços e do tempo!

Multidão de meninas, precedidas de uma das directoras, preparavão as eternas *papas de milho*, outras enchião de leite ou de melado gran-

des cangirões, que collocavão sobre as mesas do refeitorio. Depois de servida a ceia, ellas se retirão ao seu departamento, e mais tarde voltão, para lavar e deixar tudo limpo e arrumado.

Nas officinas tudo trabalhava ainda, na escola estudava-se, e na gymnastica exercitavão-se alguns meninos.

Nós visitamos a typographia, a officina de encadernação, a marcenaria, a ferraria, e outras muitas industrias que a casa encerra—cada officina tem seu director ou mestre, com seus ajudantes, que geralmente são logares preenchidos pelos rapazes mais velhos, e o producto daquelle trabalho, feito todo por crianças, é applicado ao sustento da casa; e desse mesmo trabalho vai accumulando-se um fundo, que um dia serve de capital, quando as portas do asylo se abrem para o recluso. Para os rapazes aos 21 annos, para as meninas aos 18. Esse dia em que elle vai pela primeira vez senti o contacto do mundo, leva tambem ao seio dessa sociedade que ignora, di-nheiro com que satisfazer as primeiras necessidades do momento e um officio lucrativo com que ganhar seu pão.

Ás 5 horas da tarde o sino chamou os trabalhadores fóra das officinas; mas ninguem sai, sem arrumar, sem varrer, sem deixar cada objecto no logar marcado; uma vez isto feito, principia a lavagem do rosto e das mãos; o vestir-se, pentear-se e preparar-se para a ceia.

Na America do Norfê nunca vimos trabalhador algum, por muito ordinario que fosse, que se sentasse á mesa, sujo ou mal arranjado. Os Americanos são limpos por costume, e nesse ponto todos possuem a mesma educação.

Depois dos preparativos de aceso, formarão-se em columna, e ao tinir da campainha do director, desfilarão, e sempre debaixo de ordem militar entrarão no refeitorio.

Ali depois de curta oração, os mestres derão parte do trabalho de seus aprendizes. Os que tinham cumprido com as suas obrigações, além de receberem do director algumas palavras de encorajamento, recebião tambem dobrada ração. Os mal comportados eráo, pelo contrario, reprehendidos e privados da ceia, com obrigação de servir em pé aos seus companheiros: assim vai, á par da recompensa, o castigo, marcando distinctamente aos meninos as duas sendas da vida — a senda do bem e a senda do mal. — Observamos com satisfação que em uma reunião de seiscentos rapazes talvez, era muito pequeno o numero dos que incorrerão no desagrado dos mestres: havião diversos visitantes nessa tarde e os pobres penitenciados estváo envergonhados e confusos.

Depois de assistirmos á ceia dos rapazes, visitamos o departamento das orphãos; era o mesmo systema, porém assim mesmo, a presença da mulher revelava-se ali.

Sabeis no que? Na caminha mais acceadinha; na mesa vestida de uma fazenda branca, com as suas teteias, um vaso de flores, e emfim mil pequenos objectos sem valor, mas que revelão a



JORNAL DAS SENHORAS

innocente *coqueterie* da menina, que tem como uma necessidade, ou do luxo, ou pelo menos é um sentimento do bello, que se manifesta até nesses objectos minimos; e mesmo ali na orphandade, na reclusão!

Concluimos a visita na sala do director onde assignamos os nossos nomes para recordação. As meninas, além do ensino primario, aprendem musica e desenho, e depois cada uma, assim como os rapazes, se dedica a alguma arte manufactureira.

Ellas tambem tem suas officinas de trabalho, mas quasi nunca ha exemplos de desobediencia.

Geralmente desenvolvem-se laboriosas, e, quando pela sua vez voltão ao seio da sociedade, o seu primeiro passo é estabelecer-se e procurar arrumação nas grandes fabricas e officinas.

Depois que retirei-me, fui pensando nas vantagens daquelle util estabelecimento, o qual presta alguns annos de agasalho á desvalida infancia, mas emprega utilmente esse tempo ensinando-lhe a ganhar o pão; e concluida que seja essa missão envia á sociedade seres uteis e laboriosos, sem sobrecarregal-a de uma multidão de creaturas inexpertas e inhabilitadas, as quaes mais tarde se tornão o peso da mesma sociedade; entretanto que aquelles não se tornão pesados a ninguem, porque o estabelecimento vive dos seus recursos, e não de pensões do Estado, que tantos outros destinos podem preencher, sabiamente dirigidos.

Por muito tempo não sabirá da minha lembrança o Asylo dos orphãos da Pensilvania.

Amanhã devo visitar Penitentiary House (entre nós o Presidio). Veremos que impressão me deixa; já me asseverarão que vai causar-me surpresa. Veremos.

(Copia do meu diario particular.)

POESIA.

A UMA JOVEN PAULISTANA.

Alvo cysne de candidas penas
Do seu meigo Tiété senhoril,
Vem pairado nas azas serenas
Ergue o collo de neve gentil.

Deixa os lagos da patria tão cara,
Deixa as ribas do sul do Brazil;
E nas plagas do grão Guanabara
Vem mostrar-se fagueiro gentil.

Doce, meiga, gentil açucena
Transportada do sul do Brazil;
Embalata na haste serena
Tão saudosa da patria gentil.

Meiga perla de fogo engastada
N'um céu puro de limpido anil;
Branca rosa d'amor orvalhada
Pelos prantos d'aurora gentil.

Meigo lyrio gentil bafejado
Pelas auras do sul do Brazil,
Das campinas da patria exilado,
Exilado da patria gentil.

És a nota d'uma harpa tangida
Pelos ventos do sul do Brazil,
És qual nuvem que yé-se exculpida
Sobre a face d'um lago gentil.

És qual meiga visão vaporosa
Das que morão no sul do Brazil,
Que em remanso de noite saudosa
Se nos mostra n'um sonho gentil.

És a flor que abriu soberana
Despontada no sul do Brazil,
Casta, meiga, gentil paulistana,
Flor singela, mimosa gentil.

Salomon.

PENSAMENTOS.

O orgulho é um veneno subtil, que se introduz mesmo nas almas caritativas; que rouba todo o valor ás suas obras, todo o merito aos seus sacrificios. Quem desejar que estes sacrificios sejam agradaveis ao SENHOR examine-se escrupulosamente; e se achar que em si existe, por pequena que seja, alguma porção daquelle vicio, não descance sem o expellir. Se assim o não praticar, em vão tentará fazer subir ao Céu o perfume de algumas flores que colher nos jardins da caridade. Passando pelas suas mãos, ellas cahirão desfolhadas e perderão todo o perfume.

Ha no mundo dois infernos, dois infernos horribes. Um é o de— amar sem ser amado, outro — o de ser amado sem poder amar!

A mais efficaz das consolações é uma completa resignação.

A caridade é sempre uma virtude, porém a caridade regulada pela prudencia vem a ser— duas virtudes.

O egoista não sente senão os seus males; os corações caritativos sentem mais os males alheios, que os proprios.

Quando a humanidade soffre, o soccorrel-a é uma obrigação, assim como a indiferença é um crime.

DESTES NA NUITOS !

« Eu viajava ao sul da França em 1813, escreveu Mr. Descloureaux, vejo-me á idéa visitar uma prisão, que não só encerrava prisioneiros ordinarios, como também alguns alienados.

« Um delles, como a lotura era fraca, gozava no interior da prisão de uma tal ou qual liberdade, tendo-se acostumado a semelhante existencia de maneira tal, que não se lembrava mesmo que fosse possível poder-se viver de outra sorte. Logo que me avistou, cumprimentou-me polidamente: « Bons dias, senhor, me disse elle, como tem passado? — Muito bem, e vós? — Bem também, porém assim não posso viver.... — Porque então? — Reparaí bem para minha cabeça.... — E para que? — Ah! é porque ignoraes a minha historia, disse o louco. « Cortarão-me a cabeça, assim como a muitos outros, logo que terminarão a execução, vierão advertir ao carrasco que eu tinha sido guilhotinado por engano; immediatamente o carrasco tirou de um grande cesto uma cabeça, á qual infelizmente não era a minha, e a grudou no meu pescoço; ella está bem segura como vedes.... E o desgracado sacudia fortemente com a cabeça para me convencer que ella estava bem soldada.... Está na realidade segura, vedes senhor, comtudo parece que ha algum desarranjo.... Isto assim não vai bem!... Fatal desgraca é um engano de cabeça! »

E foi-se chorando, contar sua aventura ao primeiro visitante que encontrasse.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel luta.

MICHELET, Historia de França.

SIMÃO E MIGUEL.

Apenas livre da espingarda, Miguel atravessou com passo rapido, patios e claustros do velho Mosteiro; faltava-lhe o ar aos seus pulmões; sua cabeça ardia, seu sangue já circulava com violencia, já parando a sua circulação normal, occasionava-lhe espasmos e dores desconhecidas, commoções do seu ser physico e do seu ser moral que elle pela vez primeira sentia, vendo ante seus olhos duas carreiras que a voz de Alsina lhe revelara.

Crime e Virtude.

Pela primeira vez, de sua vida innocente e selvatica, comprehendia elle que havia praticado uma accção infame! Que cabos de ideias novas, de reflexões, de sensações? Só elle que as experimentára poderia definir.

A pallida imagem de Alsina, as lagrimas de sua mulher, os gemidos do seu filho, perseguirão a Miguel!

O vento que soprava com violencia, a chuva que cahia em torrentes, nada sentia o triste mancebo; após sua carreira através da tempestade, chegara a uma especie de jardim ou cemiterio dependente do convento. Mato de ortigas e de duros e picantes cardos cobria com espesso véo os vestigios das derrubadas cruces, e fazia tempo que ellas afogavam as raizes das flores, se ali as houverão algum dia.

Frias e amargas lagrimas rebentarão dos olhos de Miguel, que cahiu exausto de fadiga ao pé de um velho hospiteiro chorão, cuja verde cabelleira se debruçava, mais desmaiada que nunca, açoutada pela tempestade, envolvendo, como um tumulo, ao desditoso que se abrigava debaixo da sua melancolica ramagem.

Um homem tinha seguido a Miguel, sem perdê-lo de vista, e encontrava-se n'aquelle instante a seu lado: em pé, com os braços cruzados sobre o peito, longas melenas lisas e brancas, escapadas por baixo do seu barrete de lã vermelha, fluctuam á mercê do vento; seu rosto, denegrido pelos raios ardentes do sol do Equador e eneguido pelas neves eternas dos Andes, expressava n'aquelle momento uma compaixão grave e profunda.

Aquelle homem era Simão o velho lanceiro.

Simão adivinhava quanto se passava no coração de Miguel: esse não sei o que mysterioso, que attrae ou repelle um do outro, os mortaes entre si, impellia o coração do velho soldado para o selvatico mancebo.

Mensageiro do crime, tinha Miguel lançado os ferros ao nobre proscripto; porém, momentos depois illustrado por um sentimento de justiça, que dormira ignorado no fundo do seu peito, acabava de acordar á voz eloquente e magestosa do virtuoso Alsina, que só recommendára a seu filho indulgencia e perdão, mesmo ante o braço armado dos seus carrascos: mil cordas desconhecidas, que de um golpe vibração no seu coração, virgem e tranquillo até esse dia, occasionavam-lhe a mágoa que tanto o pungia.

Isto tudo comprehendia o velho lanceiro: Simão não era um soldado vulgar, falto d'essa educação primaria, que prepara as nossas faculdades moraes e intellectuaes a receber mais tarde a semente da illustração; o contacto dos grandes homens da revolução de Maio tinha-o limado: ouvinte curioso dos entusiastas oradores d'aquelles dias immortaes, havia aprendido sem estudar: reflectido por character, nas suas longas e solitarias horas de vigia, Simão penetrou mil segredos que se revelão á mente do homem pensador, no

(*) Vide o n. 43.

meio das desertas e silenciosas planícies d'America: no cume dos despovoados e collossaes Andes; percorrendo de noite o largo campo juncado de cadáveres, que ainda nessa manhã erão seres cheios de vida, ardendo na febre do combate... ali, entre os charcos ainda quentes do sangue humano, entre os destroçados membros palpitantes, Simão desenterrou uma sciencia infallivel e profunda; o nada da vaidade humana... leitor atencioso do livro eterno da criação, o olhar que devizava o altivo condor no mais elevado cimo do Chimboraso, que encontrava o rumo no deserto pelo curso dos astros que elle nunca estudára, esse olhar profundo e prescurtador tambem sabia decifrar o mais intimo arcano do coração de outro homem.

Vencido ou vencedor, Simão foi sempre o soldado bravo e disciplinado, o ideal do pensamento do nossô grande *San Martin*.

Até o momento em que rebentou a guerra civil, Simão enristou sempre sua velha lança.

Orgulhoso em demasia para fazer valer seus serviços bastava-lhe a secreta gloria de ter cooperado para collocar-se a primeira pedra do edificio gigante, onde algum dia repousará o futuro das provincias unidas. A Independencia, primeiro degrau da liberdade.

Para não escurecer a sua aureola de guerreiro da patria, retirou-se em silencio, sem que a sua espada se tingisse no sangue dos seus irmãos,

Tinha consagrado a sua mocidade á causa da Independencia Americana.

Seu nobre orgulho impunha silencio á dôr das feridas do velho soldado.... e trabalhava para ganhar o pedaco de pão da sua velhice!

Era em fim um d'esses homens de bem que trabalhão em silencio pela humanidade, e que nada pedem, que nada esperão; homens com os quaes ninguem se importa, que cruzão o caminho da vida desaparecidos, e que descem á sepultura sem outra recompensa, que a consciencia de terem preenchido seu dever.

De pé, junto a Miguel, o velho soldado, estendeu os braços para o moço, levantou-o do chão, e o apertou de encontro ao seu coração dizendo-lhe só estas palavras.

Mêu filho!

E suas lagrimas de guerreiro se confundirão com as do orphão!

Achava-se Miguel em um d'esses momentos em que se necessita de consolação, amor, afagos, em que é urgente abrir o coração a outrem, ou morrer esmagado de dôr e de desolação; por

isso a sua resposta foi cingir seus braços ao peçoço de Simão e ficarem abraçados... não acabára elle de o chamar—seu filho? E não era essa a vez primeira que tão doce nome vinha ferir os ouvidos do pob e orphão?

Estranhos um para o outro, aquelles dois homens acabavão de confundir as suas lagrimas, os seus pezares e os seus sentimentos, como se longos annos de amizade houvessem precedido aquelle momento!

Ah! é porque a *sympathia* verdadeira não carece de palavras para ser comprehendida, é por que dois corações irmãos não carecem de annos para se reunirem em um momento supremo de adivinção mutua: a envenenada seta da desconfiança não ulcerava aquelles corações agrestes, e os dois filhos do deserto obedecião á voz da Providencia, que os lançava nos braços um do outro, como se fossem um pai e um filho que se tornão a ver depois de prolongada ausencia.

Simão foi o primeiro que apartou o moço de si, e tomando-o pela mão o conduziu a um largo portico que dividia o primeiro do segundo claustro.

— Ha quanto tempo que serves ao general Rosas meu filho? perguntou o velho a Miguel.

— Nunca estive ao seu serviço, respondeu o moço, tenho desempenhado diferentes commissões, por fazer-lhe obsequio.... é porque... eu o estimava!

— Deu-te elle dinheiro alguma vez? tornou o velho.

— Deus me defenda! dinheiro d'elle! não, jamais..., eu o servia, e pensava assim servir tambem á Patria.

— E acreditas ainda que fizeste algum serviço á tua patria entregando esta familia á desgraça?

— Ah! exclamou Miguel, sentindo sangrarem as suas feridas; é infame! Se eu tivesse podido adivinhar... mas elle lá, o Governador fez-me uma pintura tão negra d'este homem, do preso... e agora...

Miguel encostou a cabeça em ambas as mãos e ficou em silencio.

— E agora conheces que te illudirão, que abuzarão da tua boa fé, não é assim?

— Ah! eu nem sei o que sinto, nem o que digo, nem onde estou... esse preso tem um porte tão nobre... e aquelle olhar tão sereno... e ao mesmo tempo sem colera... e sua senhora... e aquelle menino... ah! as lagrimas d'elles dois me queimarão o coração... as vezes tenho tido impetos de matar aquelle burro do juiz de paz e

mar quantos se me pozem adiante.... Com-tudo eu nunca matei ninguém...!

E depois tudo aquillo que o preso dizia a seu filho... tudo em fim tem-me causado uma tal revolução... O general Rosas é um tyranno!.... elle é um malvado.... e era o homem a quem eu servi... aquelle a quem mais amei e respeitei até agora...! Quanto é amargo o primeiro desenganho! acaso já sabe o que isto é...? chorou já o desengano de algum dos chefes a quem serviu?

Desdenhoso sorriu vagou pelos labios de Simão.

— Amei a Balcarce, porque era generoso e humano e amava seus soldados, como pai carinhoso aos próprios filhos.... muitas lagrimas derramei na sepultura do magnanimo Belgrano.... e adorei como o deus das batalhas, o severo, o bravo, o intrepido, San Martin..., mas, meu filho, nos meus tempos, não se servião aos homens, pelejava-se por uma causa, a Independência da America... e o velho enxugou uma lagrima que rolára pela descorada face.

— E o general Rosas? nunca Vmc. serviu de baixo das suas ordens?

— O general Rosas!... repetiu Simão com desdem: esse nunca derramou uma só gota de sangue proprio em hem da Patria.... falla-me, de Olazabal, de Rojas de Dias, de Bessares, esses são dos meus, dos que trepamos os Andes, quasi nós, dos que carregamos em Chacabuco, a Baioneta sobre os soldados da Hespanha, dando vivas á Patria. Rosas... Rosas é um degollador, nada mais.

— Então elle não tem o direito de fuzilar os Unitarios?

— Meu filho; direito sobre a vida dos seus semelhantes ninguém tem... a justiça tem o direito da lei para castigar os criminosos, mas degollar a este ou aquelle, ninguém tem o direito de o fazer.... acreditais que o Dr. Alsina mereça ser fuzilado?

— Não, oh! não... mas os outros que o general Rosas chama Unitarios que são inimigos da Patria?

— Sabes o que quer dizer Unitario?

— Eu?! replicou Miguel com singela admiração; nem sei o que é ser Unitario, nem menos o que seja ser federal.

— Como tu, ha muitos desgraçados que commettem crimes sem noção alguma do bem ou do mal, e sem saber o que fazem.... porém o tempo

vôa; vamos ao que serve; estás tu arrependido do que fizeste contra o Dr. Alsina?

— Daria minha vida em troca da sua liberdade.

— Bravo, meu filho. O mal praticado deve ser reparado; só o arrependimento lava a culpa. E' necessario libertar esse infeliz; porém para tal empresa é preciso expor a vida e renunciar a Patria.

— Não cuido da vida; respondeu o joven com voz melancolica, em quanto á Patria.... não tenho, nunca tive domicilio!

Simão apertou a mão d'aquelle desgraçado, cuja orfandade se traduzia n'aquelle momento em toda sua agreste desolação.

— Se perdermos uma tentativa continuaremos até morrer: ou obteremos o nosso intento.

— A tudo estou prompto.

— O general Rosas será nosso inimigo mortal.

— Não me importa; estou revolvido: ou libertar o Dr. Alsina ou morrer com elle.

— Mas não arriscaremos a vida sem absoluta necessidade; para servir o melhor obedecer-mos sempre que eu te dicer—ainda não é tempo—

— Podeis dispor de mim; já me chamastes vosso filho, agora obedecer-vos é minha obrigação.

— Bem Miguel: és um nobre coração... hoje já nada poderemos fazer... amanhã eu prepararei tudo... e á noite effituaremos a fuga.... chegaremos ao rio, tomaremos a sumaca, por bem ou por mal, o mestre guiará, e quando derem pela nossa falta iremos longe.

Os novos amigos, Miguel e Simão, separarãose, e por oppostos caminhos torna:ão a entrar nos arruinados dormitatorios, onde em redor das quasi extinctas fogueiras dormião, ou ainda bocejavão jogando as cartas, os peões do juiz de paz.

Continua.

Acompanha a este numero um lindo figurino de baile: para o numero seguinte daremos um romance original, só para piano, de magnifico e melodioso effeito.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscrive-se para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN e COMP. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS e SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida, em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 30000 rs. na Corte, 40000 rs. nas Provincias.

Os trimestres conta-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.— Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.